

VISÃO DO CORREIO

Conscientização para uma sociedade melhor

Dois discussões relevantes são propostas este mês no Brasil. O Setembro Verde, oficializado em 2005 pelo governo federal, joga luz sobre a inclusão social da pessoa com deficiência e a importância da doação de órgãos. Temas que ainda carregam preconceitos e obstáculos no país.

No próximo domingo é celebrado o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência e, em 27, o Dia Nacional da Doação de Órgãos. As datas, apesar de não terem sido criadas conjuntamente, estabelecem um marco para a realização de campanhas de conscientização da população, além de incentivar ações que tragam benefícios sociais relevantes.

Dados preliminares do Censo 2022 indicam a presença de 14,4 milhões de pessoas com deficiência (PCDs) a partir de dois anos de idade, representando 7,3% dos brasileiros nessa faixa etária. Os PCDs enfrentam múltiplos desafios, que vão desde questões práticas, como a locomoção, até situações abstratas de reconhecimento de suas capacidades. A falta de acessibilidade, sem as adaptações físicas adequadas (rampas, elevadores etc.), a ausência de ajustes tecnológicos e de comunicação dificultam a plena participação desses cidadãos na dinâmica do cotidiano.

A descrença na capacidade das pessoas com deficiência e a subestimação de suas competências são outras barreiras atitudinais significativas. Embora o capacitismo seja uma pauta de debate cada vez mais constante na sociedade, muitos direitos ainda são desrespeitados. O acesso ao ensino de qualidade, por exemplo, é um ponto que precisa avançar. A oferta de empregos de melhor qualificação, com salários mais elevados, é outra questão.

A Lei Brasileira de Inclusão, de 2015, busca assegurar a igualdade de condições. Ela abrange diversas áreas — educação, saúde, trabalho, cultura e tecnologia — de maneira a promover inclusão social e cidadania, além de proteger contra a discriminação e o preconceito. Mas, no dia a dia, a realidade mostra que essa é uma causa que exige atuação mais firme dos governos e das instituições no país.

Da mesma forma, a doação de órgãos demanda maior investimento, apesar de os índices apresentarem melhora. Em 2024, o país ultrapassou 30 mil transplantes de órgãos e tecidos, superando os 28.700 de 2023 e atingindo um recorde histórico. Desse número, cerca de 85% dos procedimentos foram realizados por meio do Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo o Ministério da Saúde, em junho deste ano, a fila de transplantes era de aproximadamente 78 mil pessoas à espera de órgãos, principalmente rim, córneas e fígado, e tecidos. O país possui um dos maiores sistemas públicos de transplantes do mundo, e uma mobilização maior da população pode atingir os resultados esperados.

A recusa dos familiares em consentir a doação continua sendo um grande obstáculo, que, na maioria das vezes, é motivada pela falta de informação e pelo desconhecimento do processo. Nesse sentido, incentivar a conversa a respeito do assunto em casa é fundamental para a tomada de decisão.

Um Brasil acessível, independentemente das condições, e consciente das possibilidades de se salvar vidas é a meta das duas datas destacadas neste mês. O que se espera, então, é que as iniciativas sejam desenvolvidas com eficiência para que a sociedade se sensibilize sobre ambos os temas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Lacuna na cultura

Mais uma perda para os brasileiros. A morte de Hermeto Pascoal soma-se à tristeza acumulada pelas tantas outras perdas de artistas que vêm ocorrendo no nosso país, como o Arlindo Cruz, a cantora Preta Gil, a cantora Nana Caymmi e o cineasta Cacá Diegues, além de figuras como o jornalista Mino Carta, o escritor Luis Fernando Veríssimo e a cantora Angela Ro Ro. Aqui, no Distrito Federal, perdemos o cineasta Vladimir Carvalho e Clodo. Cada um deles deixa uma lacuna que jamais será preenchida na cultura nacional. Lamentar e desejar que todos sejam abraçados e abençoados por Deus, senhor do Universo, é o que nos resta fazer nesses momentos de profunda tristeza.

» **Assis Bhenz Mesquita**
Lago Sul

Liberdade de expressão

A liberdade de expressão corre junto com a responsabilidade do dizer. O presidente Trump defende-a, quando a liberdade em seu país não existe. Ele quer ser democrata, quando isso não acontece. Expressa-se mal quando toma atitudes antidemocráticas. Compromete a comunidade mundial. Nas redes sociais, a liberdade de expressão fica enaltecida, quando essa é respeitada. As notícias falsas degradam e corrompem. A falta de consciência política e de civildade maculam qualquer sentido humanitário. A ética nas atitudes colocam uma nação no mais alto pedestal. Liberdade, liberdade. É o que deseja o brasileiro. Que a democracia prepondera no ambiente de paz e prosperidade.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Frieza

A chegada ao hospital de Bolsonaro foi um gesto frio para com os seus apoiadores, havia um grupo na frente do hospital esperando, e eles tiveram uma recepção fria por parte do ídolo. Sabemos que Bolsonaro não pode se comunicar com ninguém, por determinação da Justiça, mas pelo o menos um sorriso ele poderia ter dado aos seus apoiadores. Acordem, bolsonaristas. Esse camarada só pensa nele e em

ter de volta o poder, assim como os demais membros da família e alguns parlamentares da extrema-direita.

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

Donos da razão

O ser humano é um lirismo ácido. Todos sabem que errar é humano, mas algumas pessoas insistem em ser deuses, têm a necessidade neurótica de ser o criador, dono da razão e perfeição. A energia gasta pela necessidade neurótica de ser o dono da razão é caríssima, aprisiona-se e esmaga o prazer de viver socialmente livre. A crítica, a rejeição ao pensamento alheio, dos olhares sociais, têm feito mentes brilhantes do Judiciário apagar seus lúzeiros. Por nada e ninguém pode deixar de decifrar o quesito da liberdade e espontaneidade. Quem não o avalia pouco a pouco se torna um alienado da sociedade. Nossa liberdade de expressão não pode estar à venda por preço algum. Mas a vendemos por bobagens, a trocamos com incrível facilidade. Quando alguém relata uma ação estúpida, ficamos indignados. Quando as relações em que a autoridade se manifesta de maneira monocrática, a situação é pior e devastadora. Infelizmente, nas relações entre os Três Poderes, o vírus do orgulho e da magnitude do cargo contagia, em frações de segundo, o cérebro daquele que se considera superior, levando-o a silenciar a voz do oponente. Portanto, quem usa a relação do poder para impor proposições e objetivos não é digno da função em que está investido.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Cerrado

Além da alta temperatura, tem a fumaça das queimadas provocadas por gente criminoso e irresponsável. Devastações provocadas pelas derrubadas, nem sempre ilegais, e os incêndios provocados pelos covardes — tudo isso está acabando com o nosso Cerrado, tão naturalmente rico. Com isso, infelizmente, o clima só tende a piorar. E ainda tem o período chuvoso cada vez mais curto.

» **Dilma Alves**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A onda de assaltos com os bandidos usando motos e os capacetes como disfarces nos faz pensar se já não era hora de construir capacetes que possibilitassem que os rostos ficassem mais visíveis, facilitando a identificação.

Marcos Gomes Figueira — Sudoeste

Hermeto foi um grande gênio, grande instrumentista, com um talento acima da média. De qualquer objeto tirava um tipo de som. Fará falta!

Orlando Bagano — São Paulo

Brasília é linda, merece um governo que se preocupe com a estética da capital e das satélites. Infelizmente, o governo atual pecou demais, deixou todas as satélites abandonadas!

Mayara Andrade — Brasília

Mais de 20 mil contratações até o fim do governo Lula: não adianta nada contratar mais servidores se os servidores atuais são desvalorizados!

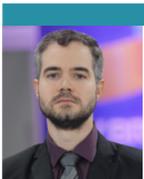
Luana Ávila — Brasília

Não há música que apague o silêncio imposto pela violência. Tenório Jr. foi vítima de um tempo em que a arte era vista como ameaça e punida com a morte.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Enquanto Trump tenta abusivamente interferir no julgamento de Bolsonaro pela Justiça brasileira, o renomado jornal inglês *The Economist* diz que o julgamento é uma lição de democracia.

Sylvio Belém — Recife



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

O julgamento, o assassinato e a espetacularização

Esta semana começa com uma espécie de “ressaca” das tribulações dos últimos dias. De um lado, o julgamento da Ação Penal 2668 — que trata da trama golpista — condenou, pela primeira vez na história, um ex-presidente. Em paralelo, o assassinato de Charlie Kirk escancarou a extrema polarização política que cresce nos Estados Unidos (e no mundo). Tudo isso enquanto o Nepal enfrentava protestos políticos sem precedentes e cheios de camadas. No meio desse furacão, acho importante chamar a atenção para os ventos que embalam essa tempestade: a espetacularização.

O conceito não é necessariamente novo ou conhecido. A data de surgimento é incerta, mas ele foi sistematizado no livro *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, em 1967. Em linhas gerais, a espetacularização é o processo de transformar eventos em algo dramático e excessivo, com o objetivo de chocar, atrair atenção e manipular o comportamento público.

É claro que o assassinato de Kirk, o julgamento da trama golpista e a crise no Nepal já são relevantes por si só — não precisam de drama para ganhar as páginas dos jornais. Contudo, precisam, sim, de um “empurrãozinho” para se perpetuarem nas redes sociais.

Essas plataformas viraram um palco da espetacularização, uma espécie de catapulta, onde os fatos do cotidiano dobram de tamanho e passam a parecer ameaçadores. O funcionamento desse mecanismo nas redes sociais é simples: prender a atenção dos usuários por meio da velocidade, do sensacionalismo e do choque. Muitas vezes, isso contribui para a disseminação de desinformação, já que os algoritmos monetizam conteúdos

que geram mais engajamento — e não aqueles que oferecem informação de qualidade.

O assassinato se ramifica em vídeos, declarações de políticos, ameaças, brigas. O julgamento ganha “edits”, memes, guerras de comentários.

A engrenagem, por vezes cruel, não é novidade. Mas, nas redes sociais, a espetacularização se transforma em uma bomba. A começar pela desumanização dos envolvidos, que se tornam apenas “personagens” de uma narrativa. A desinformação também se multiplica. Imagens podem até dizer mais que mil palavras, mas nunca explicarem mais do que um parágrafo. Para compreender um acontecimento, são necessários dados, contexto e análise — elementos frequentemente preteridos pela lógica da espetacularização.

Nesse palco de drama, a empatia se transforma em algo banal. Afinal, logo outro drama nascerá. A indiferença vira regra. Vale lembrar que o engajamento gerado pela espetacularização também se traduz em lucro. E fica a pergunta: quem lucra com essa situação?

Cada espetacularização mergulha a discussão em um loop infinito de tragédias. Não se caminha em direção a soluções; ao contrário, desvia-se o foco delas. Ao enfatizar o drama e não as causas estruturais — falhas de segurança, políticas públicas, desigualdades sociais —, a espetacularização tira a atenção das medidas necessárias para evitar problemas e prefere deixá-los prosperar.

Pode até não parecer, mas os acontecimentos da semana passada não são o fim do mundo. Grande parte do que se vê nas redes sociais é apenas uma espetacularização. O segredo é saber perceber.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br